

NARRATIVAS E TEMPORALIDADES NO CURSO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

GABRIELA PECANTET SIQUEIRA¹; FLÁVIA RIETH²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o projeto de pesquisa no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Antropologia da UFPel, que possui como título provisório “Tempo, memória e educação: uma etnografia no curso Desafio Pré-universitário Popular”. O estudo analisará o “tempo social” e o “tempo da vida cotidiana” (SCHUTZ, 1979) de pessoas educandas, educadoras e colaboradoras, a partir de suas memórias, percepções e sentidos, para compreender o processo de constituição e (des)continuidades do curso Desafio Pré-universitário Popular (PREC/UFPEL). O curso Desafio, foi fundado em 1993 fora dos muros da universidade, tornando-se um projeto de extensão da UFPel em 1994 (THUM, 2000). O seu objetivo é oferecer preparação para o ingresso no ensino superior a pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica, por meio de uma abordagem crítica e consciente, baseada nos princípios da educação popular de Paulo Freire. As aulas são ministradas por pessoas voluntárias, em geral estudantes da UFPel.

O Desafio passou por diversas transformações ao longo de sua trajetória, em resposta aos reflexos das mudanças que acompanhavam os ritmos de uma sociedade complexa, dinâmica e marcada por desigualdades sociais (VELHO, 2003). Dessa forma, será observado o quanto os arranjos espaço-temporais relacionados aos contextos políticos-educacionais, institucionais da universidade, avanços tecnológicos e as consequências geradas por crises econômicas, sanitárias e climáticas, influenciam na sua relação com a universidade e com a comunidade pelotense, bem como nas suas relações internas em diferentes períodos.

Ao mesmo tempo, levar-se-á em conta que as pessoas educandas, educadoras e colaboradoras – por meio de suas vivências, histórias e práticas cotidianas – também atuam reconfigurando o projeto. Mas como e porque o curso continua a existir? O Desafio ao longo do tempo continuou a sustentar os mesmos princípios e práticas propostos inicialmente? A noção de tempo que orienta estes questionamentos seguem a perspectiva de Elias (1989), que o interpreta como uma orientação que regula a convivência cotidiana das pessoas e institui ritos reconhecíveis ao longo de uma série contínua de transformações dentro do grupo de referência. Para o autor, deve-se levar em conta que o tempo e o espaço estão imbricados e produzem juntos símbolos específicos a depender “de certos tipos de atividades e instituições sociais” (ELIAS, 1989, p. 111).

Nesse processo de reflexão, espera-se que a pesquisa contribua não apenas para a compreensão das dinâmicas internas do curso Desafio, mas também para o debate mais amplo sobre a educação popular, a extensão universitária e a inclusão no ensino superior. Ainda, como forma de restituição, pretende-se, com as narrativas construídas nas interlocuções, os registros fotográficos e os documentos analisados no percurso de pesquisa, a construção de um acervo de memórias que fortaleça a identidade coletiva do projeto.

2. METODOLOGIA

Esta proposta de projeto de pesquisa começou a se materializar a partir de uma perspectiva sincrônica, com foco no atual funcionamento e dinâmicas das atividades do curso Desafio. Em 2022, iniciei minha atuação como educadora de Sociologia, com participação nas reuniões de área e Assembleias Gerais. Aos poucos fui me familiarizando com o funcionamento do projeto e participando mais ativamente nas discussões e decisões coletivas, o que me possibilitou contribuir em diferentes frentes. Em 2023, também passei a trabalhar na área de Atualidades, na Comissão de Permanência Estudantil, onde pude colaborar com na investigação da evasão de pessoas educandas, e na Comissão do Regimento Interno.

Já em 2024, assumi a coordenação de forma adjunta na área de Sociologia, a partir de junho, com a educadora Marielle Sacharuk (coordenadora). Fui eleita em Assembleia, para compor a Coordenação Geral (CG) em dois momentos: no início do ano, durante o período de transição para nova CG (entre janeiro e abril), e no final (entre agosto e dezembro). Além disso, compus a Comissão de Organização do Simulado. Em algumas reuniões e Assembleias expus meu interesse em estudar os marcos fundadores e valores que permeiam o curso e negocieei minha presença enquanto pesquisadora.

A observação participante possibilitará acompanhar as interações cotidianas e os processos pedagógicos em andamento, práticas educativas e as relações sociais que se constroem e reconstroem na rotina do curso. Um dos esforços que certamente envolverá o percurso de pesquisa será estranhar o familiar para manter um distanciamento crítico e desenvolver um estudo com profundidade (VELHO, 1980). O diário de campo também será um espaço importante para tecer reflexões de maneira contínua na pesquisa, ajudando a sistematizar as observações, “interações, as impressões, ideias, esquemas mentais” (OLIVEIRA, 2023, p. 93) e para dar mais atenção a situações que escapam ao olhar imediato.

Já a entrevista narrativa, técnica de produção de dados qualitativos, com pessoas educadoras, educandas e colaboradoras, permitirá uma aproximação das trajetórias e experiências de vida e suas percepções sobre o curso de forma mais livre (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2019). A entrevista narrativa será realizada a partir de perguntas abertas e as pessoas interlocutoras poderão construir seus relatos de maneira fluida, apresentando contextos, detalhes e reflexões que emergirem de forma espontânea na fala.

Também pretendo mergulhar e explorar a trajetória do curso por uma perspectiva diacrônica, para analisar como ele surgiu, se formou e se constituiu ao longo do tempo. Para isso, reunirei documentos (como relatórios e atas de reuniões), fotos e outros materiais com a finalidade de mapear suas diferentes fases, momentos de mudanças e (des)continuidades, bem como farei uma revisão bibliográfica sobre o curso, os contextos políticos, educacionais e sociais que influenciaram as suas práticas e relações.

A etnografia da duração (ROCHA; ECKERT, 2003) será mobilizada para entender como o tempo afeta as experiências e as relações sociais processual e relacionalmente no Desafio. Nesse processo, eu, como antropóloga em formação e educadora de Sociologia no curso, também me tornarei uma narradora, ao mediar o encontro das narrativas compartilhadas nas interlocuções até as pessoas que irão ler meu TCC.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso Desafio no decorrer do tempo esteve vinculado às políticas e regras da universidade, devendo cumprir com os objetivos de um projeto de extensão universitária e realizar ações em parcerias com grupos já estabelecidos com a UFPel. Nesse sentido, a universidade molda a forma de pensar e agir de seus integrantes ao orientar as atividades do Desafio (DOUGLAS, 1998). Assim como outros projetos de extensão, o curso construiu uma organização interna própria. No entanto, seu principal diferencial é a longa duração, o que viabilizou seu vínculo ao Programa Estratégico da PREC em 2015, reforçando sua inserção institucional e contribuição para sua permanência e crescimento dentro da universidade.

O curso apresenta uma alta rotatividade entre as pessoas educadoras e colaboradoras. Ao longo do tempo o grupo foi bem diverso, com pessoas de diferentes áreas do conhecimento e em diferentes níveis acadêmicos, gerações, perspectivas e interesses. Essa diversidade muitas vezes se apresentou nas Assembleias, quando surgem conflitos. O conflito não é necessariamente prejudicial ao grupo; ao contrário, é muitas vezes um fator integrador, já que permite que os membros negociem suas diferenças e, assim, fortaleçam a coesão social (SIMMEL, 2011).

A etnografia da duração me levará a mergulhar nas diversas temporalidades que atravessam esse espaço, ao passo que contribuirá para preencher lacunas nos registros históricos do projeto. As entrevistas narrativas planejadas, assim como o resgate e a organização de fotos e arquivos do Desafio, permitirão conhecer as diferentes fases e entender as transformações pelas quais o curso passou ao longo dos seus 31 anos de existência. Documentar essas histórias na pesquisa contribuirá para a reconstrução da trajetória do projeto e ajudará a compor um acervo de memórias coletivas.

Conhecer as trajetórias e experiências de vida, as percepções e o que motiva pessoas educandas, educadoras e colaboradoras a participar do projeto permitirá uma aproximação das expectativas, necessidades e aspirações que as levam ao curso. As motivações influenciam nos graus de engajamento e comprometimento individuais que podem ajudar a compreender as (des)continuidades do projeto ao longo do tempo.

4. CONCLUSÕES

O curso Desafio Pré-universitário Popular está atravessado por diferentes camadas de relações e marcos políticos, institucionais, crises e processos de (des)continuidade. A partir disso, levanto mais alguns questionamentos: Quais camadas de relações, marcos políticos e institucionais atravessam o curso Desafio Pré-universitário Popular, e como se manifestam as (des)continuidades ao longo do tempo? De que maneira a tessitura do tempo e as transformações sociais influenciam o compromisso fundacional do Desafio? O que permanece e o que se transforma nesse compromisso? Em que medida a participação no projeto afeta a construção de identidades, visões de mundo e novas possibilidades tanto para as pessoas educadoras quanto para as educandas? O compromisso político e a formação crítica, inspirados na educação popular freireana, permanecem centrais no Desafio, mesmo diante de mudanças nas práticas e dinâmicas causadas por fatores internos e externos?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOUGLAS, M. **O que pensam as instituições**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. W. Entrevista narrativa. In.: BAUER, Martin. W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

OLIVEIRA, A. **Etnografia para educadores**. São Paulo: Editora Unesp. 2023.

ROCHA, A.; ECKERT, C. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS. 2003

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMMEL, G. O conflito como sociação. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, 2011.

THUM, C. **Pré-vestibular público e gratuito**: o acesso de trabalhadores à universidade pública. 2000. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

VELHO, G.. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 3^a ed., 2003.

VELHO, G. Observando o familiar. In: _____. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.